



A SAÚDE NO BRASIL EM 2030

Diretrizes para a Prospecção Estratégica do Sistema de Saúde Brasileiro



FIOCRUZ
Fundação Oswaldo Cruz

ipea

Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

Ministério da Saúde

Secretaria de Assuntos Estratégicos

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PAÍS RICO E PAÍS SEM POBRE



Viagem a 2030 e além

Pesquisadores defendem que "as iniquidades em saúde não podem ser combatidas sem que as iniquidades sociais também o sejam"



Fernanda Marques



Que Brasil queremos para daqui a 20 anos? As respostas a esta pergunta, muito provavelmente, convergem para um consenso: a maioria de nós está convicta de que quer um país mais forte e desenvolvido, com mais justiça social e menos desigualdades, com melhores indicadores de educação, emprego e saúde. E o que fazer para alcançar esses objetivos? Esta pergunta, bem mais difícil do que a primeira, tende a gerar respostas menos consensuais e menos categóricas. O que fazer não é uma decisão automática. Ela exige estudos, debates, negociações. Exige planejamento. Mais: exige planejamento estratégico de longo prazo. Em outras palavras, traçar metas para daqui a 20

anos e conseguir cumpri-las depende de um esforço que deve começar agora. Na verdade, o esforço já começou: em 2010, teve início o projeto Saúde no Brasil 2030, fruto de um acordo de cooperação técnica entre a Fiocruz, a Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República (SAE) e o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), e de um convênio com o Ministério da Saúde. Como um dos primeiros resultados desse projeto, foi lançado, em 2012, com o apoio da Editora Fiocruz, o livro *A Saúde no Brasil em 2030: diretrizes para a prospecção estratégica do sistema de saúde brasileiro*.

O volume reúne textos que são o ponto de partida para o planejamento de longo de prazo. “Em primeiro lugar, acho importante destacar que prospecção estratégica não é um exercício para prever o futuro”, adianta o médico José Carvalho de Noronha, pesquisador do Instituto de Comunicação e

Informação Científica e Tecnológica em Saúde (Icict/Fiocruz) e um dos organizadores do livro. “Não podemos adivinhar o futuro da saúde, mas podemos – e devemos – ter um horizonte de desenvolvimento. A partir da história recente da saúde e de um diagnóstico atual de aspectos demográficos, epidemiológicos, sanitários, sociais e econômicos, podemos desenhar um cone de possibilidades, identificando o que é possível, o que é plausível e o que é provável. A tarefa seguinte é delinear as estratégias necessárias para que o provável seja deslocado até coincidir com o preferível”, resume.

A prospecção estratégica consiste em detectar precocemente as tendências em curso e antecipar os impactos que elas poderão causar, buscando-se alternativas de como lidar com as mudanças para moldar um futuro desejável. “Entender o que está acontecendo hoje e traçar cenários futuros constituir-se em importante apoio ao planeja-



► Entre os exemplos de sucesso no setor da saúde, está a diminuição da ocorrência de enfermidades preveníveis por vacinas

ços de saúde de importância fundamental para o país, mas, ao mesmo tempo, tem pontos de estrangulamento, como a baixa oferta de Serviços de Apoio Diagnóstico e Terapêuticos (SADT); frequente impossibilidade de agendamento do serviço e de escolha do profissional e do prestador do serviço; hotelaria precária; dificuldade de acesso aos serviços e grande tempo em lista de espera para cirurgias eletivas, SADT e consultas a especialistas”, diz o livro. Permanece, também, o desafio da descentralização e da regionalização do SUS, num contexto em que muitos municípios e estados não têm condições de prover de forma autônoma as ações e serviços necessários à sua população. “Nos países desenvolvidos e em desenvolvimento, que já investem parcela considerável do seu PIB no setor, as atenções estão cada vez mais voltadas para a eficiência, efetividade e equidade nos gastos, uma vez que maior nível de dispêndios é condição insuficiente para se alcançar melhores condições de saúde e não resolve, por si só, as iniquidades no acesso aos serviços”, lembram os autores no livro.

Então, para planejar melhor os investimentos, a partir do conhecimento sobre o cenário atual, os próximos passos são definir as áreas prioritárias e estabelecer as políticas necessárias no sentido da saúde que queremos para o Brasil, isto é, uma saúde cada vez mais equitativa. “Equipamentos radiológicos de alta complexidade são excelentes, porém caros. Talvez seja mais produtivo investir nos de média complexidade e equipar um número maior de unidades de saúde do que adquirir os de ponta e somente umas poucas unidades oferecerem o serviço”, exemplifica Noronha. “Definir prioridades é fundamental. Para fortalecer o Complexo Econômico-Industrial da Saúde, há vários caminhos: investir na produção de fármacos livres de patente, continuar importando-os da Índia, apostar no desenvolvimento de modernas drogas biotecnológicas, privilegiar aquelas dirigidas contra doenças negligenciadas etc. As alternativas não são necessariamente excludentes, mas não há recursos suficientes para tudo, então é necessário estudar os cenários e escolher bem as estratégias”, explica. 🌱

mento, à tomada de decisão dos gestores públicos e às discussões que a sociedade deve fazer sobre qual sistema de saúde deverá ser construído ao longo dos próximos anos”, avalia, na quarta capa do livro, o economista Marcio Pochmann, que presidiu o Ipea de 2007 a 2012. De modo esquemático, a prospecção estratégica é composta por três etapas. Na primeira, são identificados e monitorados os temas e desenvolvimentos do campo em estudo – no caso, a saúde. Na segunda, a partir das informações e análises da fase anterior, busca-se avaliar e compreender os principais desafios colocados para o futuro. Por fim, a terceira etapa é o desenvolvimento das políticas capazes de responder a esses desafios futuros.

O que se pretende, portanto, é um planejamento no sentido forte do termo, isto é, algo que precede e condiciona a ação política governamental. “Diante dos desafios que o futuro traz, cabe ao Estado articular e induzir políticas econômicas e sociais, no interesse do desenvolvimento com equidade, fomentando o acesso e a inclusão de camadas excluídas, expandindo e assegurando direitos sociais às parcelas significativas da população ainda marginalizadas e sem os ganhos advindos do progresso e da riqueza”, afirma, no prefácio do livro, o presidente da Fio-cruz, Paulo Gadelha.

A publicação *A saúde no Brasil em 2030* dá conta da primeira etapa da prospecção estratégica. Com 323 páginas e dividido em dois blocos – *Dire-*

trizes e Cenários –, o volume percorre as mais relevantes questões para o desenho de horizontes futuros na saúde. O bloco *Diretrizes* inclui discussões sobre os fundamentos da saúde; seus determinantes sociais, econômicos e ambientais; os princípios do sistema de saúde brasileiro e sua inserção na política nacional de desenvolvimento; desenvolvimento produtivo, complexo industrial da saúde e dinâmica de inovação; financiamento e gasto do SUS; arranjos públicos e privados; gestão pública; integração continental e cooperação Sul-Sul; participação social em conselhos e conferências de saúde; mercado de trabalho, formação, qualificação e regulação profissional, entre outros assuntos.

Essas discussões iniciais delineiam o atual cenário da saúde no Brasil, com seus pontos fortes e fracos, seus avanços e desafios. São muitos os exemplos de sucesso, como a redução da mortalidade infantil, da desnutrição em crianças e dos óbitos por doenças infecciosas e parasitárias, bem como a diminuição da ocorrência de enfermidades preveníveis por vacinas. Paralelamente, porém, com as mudanças em curso nos indicadores sociodemográficos e no perfil epidemiológico, os desafios englobam o aumento da prevalência da obesidade, os diferentes tipos de câncer e as doenças cardiovasculares, respiratórias crônicas, neuropsiquiátricas e negligenciadas, além das emergentes e reemergentes.

“O Sistema Único de Saúde (SUS) é responsável por uma produção de servi-